

## A (des)patologização de Jair Bolsonaro nas redes em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil

*The (de)pathologization of Jair Bolsonaro on the networks in times of the Covid-19 pandemic in Brazil*

*La (des)patologización de Jair Bolsonaro en las redes en tiempos de la pandemia de Covid-19 en Brasil*

Wilson Couto BORGES<sup>1</sup>

Camila Fortes Monte FRANKLIN<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa maior e tem como objetivo identificar as estratégias narrativas e intenções textuais, como também a produção de sentidos sobre o processo de patologização e despatologização em torno de ações do presidente da República Jair Messias Bolsonaro nas redes sociais. Em tempos de pandemia de Covid-19 no Brasil, a partir de recortes temporais diferentes, é possível encontrar conexões entre tempos históricos distintos, que atualizam formas de se compreender os fenômenos sociais. Utilizando a Narratologia como abordagem teórico-metodológica, esse trabalho busca perceber a formação de processos simbólicos em postagens do *Instagram* que associam o presidente da República à loucura e a insanidade, produzindo sentidos que constroem efeitos de real.

**Palavras-chave:** Produção de sentido; Narratologia; Saúde; Loucura; Jair Bolsonaro.

---

<sup>1</sup> Pesquisador titular em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Laces/ICICT/Fiocruz). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (PPGICS/ICICT/Fiocruz). Doutor em Comunicação, mestre em Ciência Política e especialista em História do Brasil (UFF). E-mail: wcborges1@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2785-3658>.

<sup>2</sup> Jornalista. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (ICICT/FIOCRUZ). Mestra em Comunicação na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do NUJOC (UFPI). Bolsista CAPES/CNPQ. E-mail: [camilafortesmonte@gmail.com](mailto:camilafortesmonte@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7316-1134>



---

## Abstract

This article is part of a larger research and aims to identify the narrative strategies and textual intentions, as well as the production of meanings about the pathologization and depathologization process around the actions of the President of the Republic Jair Messias Bolsonaro in social networks. In times of the Covid-19 pandemic in Brazil, from different time frames, it is possible to find connections between different historical times, which update ways of understanding social phenomena. Using Narratology as a theoretical-methodological approach, this work seeks to understand the formation of symbolic processes in Instagram posts that associate the president of the Republic with madness and insanity, producing meanings that build real effects.

**Keywords:** Production of meaning; Narratology; Health; Madness; Jair Bolsonaro.

## Resumen

Este artículo forma parte de una investigación mayor y tiene como objetivo identificar las estrategias narrativas y las intenciones textuales, así como la producción de sentidos sobre el proceso de patologización y despatologización en torno al accionar del Presidente de la República Jair Messias Bolsonaro en las redes sociales. En tiempos de la pandemia de Covid-19 en Brasil, a partir de diferentes marcos temporales, es posible encontrar conexiones entre diferentes momentos históricos, que actualizan las formas de entender los fenómenos sociales. Utilizando la Narratología como abordaje teórico-metodológico, este trabajo busca comprender la formación de procesos simbólicos en las publicaciones de Instagram que asocian al presidente de la República con la locura y la locura, produciendo significados que construyen efectos reales.

**Palabras clave:** Producción de sentido; Narratología; Salud; Locura; Jair Bolsonaro.

---

## Introdução

Durante séculos, o que hoje compreende-se socialmente por loucura foi modificado de acordo com o tempo e o espaço. O que permaneceu foram os sentidos atribuídos aos sujeitos que apresentavam algum comportamento considerado desviante para cada época. Eram os(as) feiticeiros(as) e bruxos(as) do século XV, os leprosos que não cabiam mais nos leprosários do século XVI, os pobres e presidiários, os “cabeças alienadas” do século XVII (FOUCAULT, 2014), entre tantos outros sujeitos e sujeitas considerados impróprios ao convívio social, no qual o isolamento e o esquecimento era seu destino. Entretanto, é igualmente interessante observar que, embora mantendo certo “núcleo comum”, há por vezes formas um pouco mais variadas de se associar a loucura ao masculino e ao feminino, ora servindo para desresponsabilizar, no caso do primeiro, ora para responsabilizar, no segundo.



Em busca de uma higienização social, a ausência dessas pessoas dos ambientes de sociabilidade representaria uma comunidade sadia, por isso, os órgãos responsáveis pela segurança pública assumiam o dever de retirar esses sujeitos dos espaços coletivos (FRANKLIN, 2020). Algumas características que são associadas à pessoa considerada louca ocorrem principalmente porque a loucura se insere em um modelo da sociabilidade firmado na aniquilação das diferenças, associado à necessidade de produtividade dos sujeitos, mas cujas raízes são mais longevas que uma leitura apressada e a inobservância de suas transformações/adaptações poderiam supor.

Uma construção social passa a se formar sobre essas pessoas, de que são potencialmente perigosas, imprevisíveis, inconstantes, instáveis em pensamentos e atitudes e que não merecem confiança. É construído um estereótipo, e a loucura passa a ser associada a um perfil inapropriado ao convívio, gerando isolamento, internações compulsórias, tortura e danos irreparáveis a essas pessoas e a seus familiares. Para Maria Aparecida Baccega (1998), o estereótipo se manifesta em bases emocionais, trazendo em si juízos de valor pré-concebidos, comportando uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, e que vão influenciar o comportamento humano.

Em tempos de pandemia de Covid-19, cuja novidade impacta necessariamente em transformações sociais, é possível observar que, em torno dos debates sobre as formas de se prevenir diante da doença, emerge um perfil inapropriado e inconstante, que passa a ser associado ao presidente da República Jair Messias Bolsonaro. Uma vez que parte de suas ações vão de encontro às recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do seu próprio Ministério da Saúde – como nas passagens em que afirma que a Covid-19 é apenas uma “gripezinha”<sup>3</sup>, disseminando desinformação e incitando a população brasileira a retomar a rotina de trabalho –, é preciso se buscar uma justificativa para o enquadramento de suas ações. Associar sua figura à loucura tem sido uma delas. Entretanto, esse processo pode tornar opaco o real do problema.

A partir dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro relacionados à Covid-19, tal como revelam algumas pesquisas de avaliação de seu governo<sup>4</sup>, cresce o número de insatisfação da população brasileira relacionada à sua atuação presidencial no cenário pandêmico. Uma das estratégias que identificamos é a associação de seu perfil ao

<sup>3</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Vl\\_DYb-XaAE](https://www.youtube.com/watch?v=Vl_DYb-XaAE). Acesso em: 9 dez 2021.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2021/09/1989340-recorde-reprovacao-a-bolsonaro-atinge-53.shtml>. Acesso em: 8 dez 2021.



desequilíbrio, à desconfiança, à inconstância, à loucura, à doença mental, à insanidade. A imagem do presidente passa a ser configurada sobre a ótica da loucura como uma forma de justificar suas atitudes. Contudo, em determinado momento, essa figura da loucura deixa de ser associada ao mesmo, onde ocorre um processo de despatologização e desassociação dos seus comportamentos à loucura. Mas, o que um debate sobre patologização/despatologização pode esconder? Há concretamente uma patologia ou esta obscurece, promovendo uma opacidade em torno das opções políticas do presidente da República? O que uma estereotipia em torno da loucura pode esconder?

A primeira aproximação com uma tentativa de resposta nos conduz a centrar nosso olhar menos sobre as qualificações em torno das ações do presidente e mais sobre o que tais narrativas mostram (e, conseqüentemente, ocultam). Isso significa dizer que não estamos apresentando um estudo sobre a loucura. Antes, nos interessa apontar o quanto uma narrativa da loucura opera como mecanismo de responsabilização ou desresponsabilização de pronunciamentos e comportamentos do chefe do Executivo Federal diante da mais grave pandemia de nosso século.

Em vista disso, a metodologia de pesquisa do presente artigo se sustenta através da abordagem teórico-metodológica da Narratologia a partir, inicialmente, de Motta (2005, 2007, 2017) e depois de Borges (2014), ao identificar a narrativa não somente como um constructo, escrito ou falado, mas como uma ação cujo protagonismo do narrador e do destinatário, na co-construção do sentido, sejam incorporados na análise crítica, privilegiando as performances dos sujeitos na enunciação narrativa.

### **A construção da loucura no mundo**

No dicionário Aurélio, a palavra “loucura” significa um “estado, condição ou ato de louco”, “insanidade mental”. Já o adjetivo “louco” é caracterizado por um “sujeito contrário à razão”, “perdido, apaixonado”, “temerário”, “excessivo, extraordinário”, “indivíduo extravagante, esquisito” ou “indivíduo demente, alienado”. Todavia, não era sempre que o sujeito considerado louco era apresentado com essas características. O que se compreende atualmente por loucura vem de um longo processo de construção social e histórica que configura e re-configura o perfil do sujeito considerado louco de acordo com o tempo e o espaço.

Foucault (2014) aponta que antes da loucura ser denominada assim, por volta



da metade do século XVII, estava ligada a todas as experiências maiores da Renascença. Eram os sujeitos que passeavam nus pelas comunidades, os criminosos, ladrões, estrangeiros, andarilhos, os bêbados, devassos, adúlteros, os chamados leprosos para a época, ou seja, indivíduos que não eram considerados aptos ao convívio social e por isso, eram excluídos, rechaçados dos muros das cidades com destino à lugar nenhum. Assim, ao final da Idade Média, a loucura assume uma superfície do desatino, dos vícios e defeitos, da marginalidade e do esquecimento das virtudes cristãs e de certa inaptidão para a vida coletiva. Nota-se, nesse processo, que a loucura é menos um estado e mais uma qualificação para práticas avaliadas como desviantes. Isso significa dizer que, antes de uma patologia, a loucura foi uma construção que evidenciava uma qualificação preconceituosa.

Essa pluralidade dos “perfis” da loucura provém de uma abundância de significações, de uma tessitura de elementos que são apresentados de modo a carregar essa multiplicação de sentidos sobre o sujeito, e são justamente esses atributos que constroem essa sombra na loucura. Já no século XV, a experiência da loucura passa a ser configurada a partir da sátira moral, como um espetáculo, e não mais por uma estranheza. O louco, além de todas as configurações apresentadas anteriormente, agora também assume o lugar da ironia, do bobo, no qual todos temem ou acham engraçado, sendo, por vezes, ignorado.

Com o surgimento das casas de internação e com o avanço da medicina, a loucura se torna produto de pesquisa e entendimento médico. O internamento passa a ser construído sob duas perspectivas: a primeira, numa dimensão patológica, onde há uma busca pelo tratamento ou cura, e a segunda, numa perspectiva política, onde há a necessidade de punição e repressão. A mudança de sentido varia de acordo com os interesses e posições de poder regentes, visto que o entendimento da loucura passa a ser considerado uma dívida com a moral<sup>5</sup> pública e tem como objetivo o isolamento dos sujeitos, bem como evitar a ociosidade – considerada a fonte de todas as “desordens”.

No final do século XVIII, surgem os manicômios como principal mecanismo de exclusão e detenção do louco, e logo no século seguinte a medicina busca configurar a loucura em uma série de sintomas que foram reforçados ao longo do tempo. Essas

---

<sup>5</sup> Para Paul Ricoeur, “moral” está relacionado a um “aspecto obrigatório, marcado por normas, obrigações e interdições, caracterizadas simultaneamente por uma exigência de universalidade e por um efeito de coerção” (2011, p. 4).



classificações surgem buscando categorizar o indivíduo que se apresenta como contraditório, de modo que, se uma das características da loucura é a imprevisibilidade, então a imprevisibilidade dos sintomas e categorias também se torna uma característica do louco. Portanto, a loucura não pode assumir o papel de fazer jus à totalidade dos seus sintomas visto que a individualidade e a subjetividade do louco já se faziam presentes em suas manifestações e particularidades (FRANKLIN, 2020).

Um dos elementos que se mostra bastante interessante nesse processo é a forma como se constrói uma “verdade” sobre a loucura, a partir de quem fala, cujas “práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber (...) novos conceitos, novas técnicas, mas também fazer nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento”, como nos ensinou Foucault (2002, p. 08). O que tal percurso nos habilita a destacar é que a loucura não apenas precisou ser inventada como se estabeleceu a partir de jogos discursivos que revelam, novamente convocando Foucault (2002), domínios de saber em relação com as práticas sociais. Entretanto, na medida em que, como destaca o próprio autor, a psicanálise deslocou o lugar da centralidade e da sacralidade do sujeito do conhecimento, do sujeito cartesiano, sendo a própria ideia de essencialidade da verdade que se reconfigurou.

O sujeito e a verdade, nos termos propostos por Foucault, não são construídos fora da história. Antes, dentro dela, a partir de sua relação direta “com a formação de um certo número de controles políticos e sociais no momento da formação da sociedade capitalista, no final do século XIX” (FOUCAULT, 2002, p. 12). Nesses termos, essa “verdade sobre a loucura” cristaliza uma série de qualificações para aqueles/aquelas que insistem em não se enquadrarem nas condutas desejadas. Ou seja, ao observarmos como a sociedade capitalista – e os mecanismos de controle e exclusão a ela associados – foram inventados, desloca-se, necessariamente, o lugar de onde o processo social pode ser observado. Dito em outros termos, a loucura não está imersa numa essencialidade das coisas, mas, assim como outras formas de controle e exclusão, ela foi inventada.

Ao descrever como foram inventados tantos os “problemas jurídicos” quanto as “formas de análise”, Foucault nos fornece pistas importantes sobre o quanto esse universo de questões estava associado àquilo que foi forjado para que formas mais “racionais” de controle se efetivassem. Além do diálogo com Nietzsche (2012), a perspectiva da invenção desloca o lugar de onde podemos observar tais fenômenos,



especialmente a partir de dois cortes significativos: o rompimento com a ideia de origem vinculada ao pensamento religioso e a importância do lugar da história. Com Foucault e Nietzsche podemos capturar a pequenez meticulosa e inconfessável dessas fabricações, dessas invenções, manifestas em narrativas que organizam o tempo histórico, cuja presença de sentimentos, emoções, sensações constituem essa verdade inventada e produzem efeitos sobre as ações políticas de todo sujeito social.

Ao fazermos referência ao processo de produção de verdades, e como estas são inventadas, especialmente a partir do conjunto das postagens descritas no presente texto, o que a invenção de uma verdade sobre a loucura revela, em última análise, é o lugar estrutural da ideologia na constituição de práticas e processos sociais. Isso nos autoriza a afirmar que, em qualquer momento histórico, a ideologia é a marca, o estigma de condições concretas de existência que se manifestam no exercício do poder, do poder de buscar cristalizar uma verdade como se natural ela fosse. Ou seja, para dizer tal como Foucault (2002), “esconder que são, no fundo, relações de verdade”, de fixação de verdades. Se a fórmula foucaultiana é pertinente, e avaliamos que é, então a formas de nos apropriarmos do conhecimento é nos aproximarmos desses jogos que são, no limite, de luta e de poder, como aquele no qual a psiquiatria esteve imersa.

Já no século XX, a medicina psiquiátrica se desenvolve buscando descrever o fenômeno da loucura para categorizar os diagnósticos e incluir determinadas características a patologias. É importante destacarmos, inclusive, que tal categorização vai dialogar diretamente com construções históricas produzidas desde a Idade Média, como a relação entre histeria e loucura no enquadramento de determinados comportamentos femininos. Um marco importante no avanço dos diagnósticos foi que, no final da década de 1970, a Reforma Psiquiátrica no Brasil ganha força ao criticar o modelo asilar de assistência em saúde mental, bem como a mercantilização da loucura, buscando romper com as formas de controle e contenção dos corpos dessas pessoas consideradas loucas.

Assim sendo, apontamos essa construção histórica da loucura como um caminho para se compreender as transformações do perfil do louco e a construção de narrativas sobre esses sujeitos. Paul Ricoeur (1994, p. 15) constrói a sua própria perspectiva de narrativa histórica ao considerar que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado no modo narrativo; [e] em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. Compreende-se, então, que a construção de uma obra narrativa é também a construção



de uma obra temporal, de modo que a narrativa histórica se dá em determinado espaço temporal lógico e da alma, mas que não se limita somente ao vivido e nem ao lógico, referindo-se a esses modos e retornando a eles, transformando e reconfigurando o tempo histórico. Assim sendo, essas experiências entre tempo e narrativa e os fluxos que daí derivam, também interferem nas formas como a construção narrativa da leitura nos chega na contemporaneidade, na medida em que aquele fazer foi um fazer que atualizou um passado reconfigurando um futuro.

### **Jair Bolsonaro e a pandemia de Covid-19: uma breve contextualização**

Identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, a Covid-19 (do inglês *Coronavirus Disease*) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. O novo coronavírus já promoveu mais de 502 milhões de casos e mais de 6 milhões de mortes no mundo (OUR WORLD IN DATA, 2020). No Brasil, os casos já ultrapassam mais de 30 milhões de registros e mais de 660 mil mortes<sup>6</sup>. De acordo com o Ministério da Saúde, no Brasil, até a data de 8 de abril de 2020, a Covid-19 matou mais do que a dengue, o sarampo e a H1N1 juntas em todo o ano de 2019<sup>7</sup>.

Em pronunciamento oficial em rede nacional de rádio e televisão, no dia 24 de março de 2020, Jair Bolsonaro pede a população brasileira que volte à normalidade e qualifica o Covid-19 de “gripezinha” e considera “histeria” a preocupação brasileira. Nesse mesmo dia, o Brasil já registrava 2.201 casos confirmados e 46 mortes do novo coronavírus. Nas palavras do Presidente da República, “O vírus chegou. Está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. Devemos sim voltar à normalidade”. E complementa: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa” (BRASIL, 24 de março de 2020).

Nessa tomada de posição política, percebe-se que a preocupação do presidente em seu pronunciamento é manter a economia do país circulando, mesmo que isso arrisque a vida de pessoas. Ignorando as pesquisas e o exemplo da disseminação do vírus pelo mundo, Bolsonaro reforça seu discurso na suavização e na relativização do

<sup>6</sup> Dados coletados em 14 de abril de 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/covid-19-matou-mais-do-que-dengue-sarampo-h1n1-somados-em-2020-24363742>. Acesso em: 10 dez 2021.



isolamento social, argumentando que as pessoas precisam trabalhar para “colocar comida na mesa”.

Tão logo, médicos e cientistas do mundo inteiro se mobilizaram para buscar um tratamento para o novo coronavírus. Alguns estudos científicos que preconizaram o uso da substância hidroxicloroquina, normalmente utilizada no tratamento de malária, destacavam o efeito positivo em pequenos grupos ao redor do mundo. Essa informação foi considerada relevante pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump que, em um pronunciamento público considerou necessária a aceleração de uma produção desse medicamento para o uso em todos os pacientes com Covid-19, mesmo não havendo nenhuma comprovação científica de sua eficácia até aquele momento. Não nos parece inoportuno destacar que a dimensão da ciência, bem como sua possibilidade de produzir respostas mais verdadeiras para o enfretamento da Covid-19, nunca estiveram no centro das ações de ambos os presidentes – para Trump, suas posições podiam ser defendidas por se caracterizarem por hipérboles de verdade; enquanto para Bolsonaro, como verdades alternativas.

Não foram raras as oportunidades em que o presidente Bolsonaro seguiu as recomendações de Donald Trump. A partir desse contexto, deu-se início a uma onda de informações a respeito da hidroxicloroquina, ao compartilhar entrevistas e opiniões de médicos que reforçam a suposta eficácia da substância, mesmo não havendo nenhuma comprovação científica. A palavra de Jair Bolsonaro causou uma corrida da população às farmácias em busca do medicamento, o que provocou, dentre outros efeitos, tumulto e lotação nos postos de saúde e nas drogarias – fator propulsor para a disseminação do vírus.

Em um novo pronunciamento oficial veiculado em rede nacional de rádio e televisão, este em 8 de abril de 2020, o presidente Bolsonaro reforçou o uso da cloroquina para a cura da Covid-19, afirmando que após ouvir médicos, pesquisadores e chefes de Estado de outros países, passou a divulgar a possibilidade de tratamento da doença. “Há pouco conversei com o doutor Roberto Kalil (...) ao assumir que não só usou a hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos.” (BRASIL, 8 de abril de 2020).

Na aludida entrevista, concedida pelo médico Roberto Kalil, não é possível identificar a total eficácia da cloroquina e, mesmo assim, é apoiado e incentivado pelo presidente da República o uso da substância para o tratamento do vírus. Essas são algumas amostras do discurso e dos pronunciamentos de Jair Bolsonaro a respeito da



pandemia de Covid-19, ignorando a ciência, confrontando a imprensa brasileira, dificultando o acesso à informação da população, incitando a retomada das atividades presenciais e o uso de medicamentos sem eficácia comprovada.

Com o avanço científico em torno de respostas à Covid-19, com destaque para a criação da vacina e o chamamento da população à imunização, uma série de “verdades alternativas” foram sendo colocadas em xeque. Num quadro onde fica cada vez mais evidente que a tomada de posição do presidente contradiz as orientações de cientistas e autoridades sanitárias, no Brasil e no mundo, tornou-se cada vez mais comum um enquadramento dessas ações na estereotipia de uma loucura. Mas, o que a qualificação do presidente como louco revela? Igualmente, o que ela esconde?

### **Narratologia**

Pensar a construção de narrativas dentro de determinado cenário político associado a conceitos tão cristalizados socialmente exige uma interpretação crítica não só capaz de apontar padrões, mas de sensibilidade ao contexto, aos lugares e papéis sociais que os sujeitos interlocutores ocupam hierarquicamente, as intenções do narrador e os modos como esse envolvimento se desdobra nessas construções narrativas.

Motta (2005) defende que a narrativa não pode ser compreendida somente enquanto discurso escrito ou falado, mas como uma ação, desenvolvida por narrador e destinatário, capaz de produzir efeitos de sentidos que privilegiem as performances dos sujeitos na enunciação narrativa. Seguindo a hermenêutica crítica de Paul Ricoeur (1983), o autor pensa a teoria da narrativa como uma teoria da ação, no qual durante o processo de configuração e refiguração, narrador e receptor são responsáveis pela construção da narrativa, produzindo performances linguísticas movidas por motivações e intenções recíprocas, repleta de valores, ideologias, memórias, o que move em ambos a vontade de construir sentido.

O *Instagram*, enquanto rede midiática, nos permite identificar construções simbólicas que permeiam o imaginário social<sup>8</sup>. Enquanto plataforma de compartilhamento de fotografias e vídeos, o *Instagram* se consolidou como a rede

---

<sup>8</sup> Corroboramos com o pensamento do historiador Bronislaw Baczko (1985, p. 297) ao conceituar “imaginário social” como “um conjunto de representações coletivas associadas ao poder”, sendo capaz de regular a vida coletiva, definindo hierarquizações e campos de disputa através das referências simbólicas.



social com maior engajamento, contando com de mais de 1 bilhão de usuários no mundo (STATISTA, 2020). Para Recuero, através da plataforma é possível “observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores sociais” (2009, p. 24). A partir disso, a navegação e a interação entre os usuários são potencializadas, a fim de conectar narrativas semelhantes.

Borges (2014) apresenta a narratologia a partir de três práticas sob o viés comunicacional: uma, denominada de *primeira geração*, focada na produção do conhecimento que se tem sobre o mundo, ou seja, são os atravessamentos que produzem sentidos sobre a realidade social que a cerca; outra, cuja ênfase é focada na recepção do conhecimento, de modo que a interpretação do destinatário se constrói a partir de expectativas procedentes (experiências, desejos, vivências, ideologias) e do processo de construção narrativa dada pelo narrador, chamada de *segunda geração*; e por fim, encontra-se a negociação entre quem produz a narrativa e quem se apropria dela – denominada de *terceira geração*.

Faz-se necessário refletir também sobre a intencionalidade presente na fala, ou seja, os potenciais efeitos do que se fala. Para Motta (2007, p. 2), quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele “introduz necessariamente uma forma ilocutiva responsável pelos efeitos do que vai gerar no seu destinatário”. É o que Austin (1962) denomina de ilocução, ao descrever como esses potenciais efeitos conferem um significado relacionado à realidade, sugerindo um leque de interpretações que atravessam não somente uma compreensão literal, mas também outras significações a partir da força ilocutiva presente no enunciado.

Nas postagens analisadas a seguir, é possível apontar como as narrativas foram construídas de modo a reforçar os estereótipos sobre a loucura, utilizando em alguns momentos o humor e a sátira como um artifício de compreensão e interpretação de conteúdo, introduzindo elementos como o sarcasmo, a ironia, a fim de ridicularizar os sujeitos ou os discursos que se encontram em confronto na narrativa construída. A partir disso, as redes sociais se tornam um ambiente de disputas simbólicas. Nessa perspectiva, a narrativa não deve ser vista somente como uma composição despreziosa, mas como um dispositivo argumentativo (MOTTA, 2017) com diversas camadas de interpretação sistemática, onde tudo está relacionado ao todo e ganha significação no processo de recepção da narrativa. Dito isto, o que deve ser percebido no processo analítico das construções narrativas é o que Ricoeur (1983) denomina de



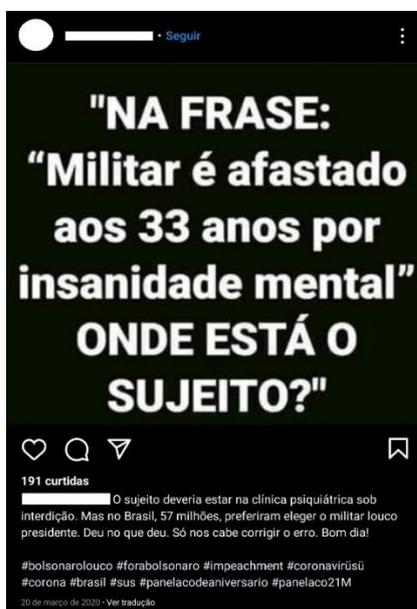
*mundo do texto*, ou seja, o que virá a ser manifestado diante do texto e suas significações.

### Uma análise entre Jair Bolsonaro, Covid-19 e produção de sentidos

Buscando perceber e analisar as construções narrativas de uma qualificação do presidente Jair Bolsonaro como louco no cenário de pandemia, foram analisadas 13 postagens do *Instagram*, de um total de 16, a partir do uso da *hashtag* “BolsonaroLouco”. Ao analisarmos o conteúdo, foi possível identificar duas dimensões contextuais: a primeira, onde o presidente Bolsonaro é associado à loucura a partir de suas ações e performances; e a segunda, onde o mesmo sofre um processo de desassociação da loucura, ao passo que outras narrativas vão sendo acionadas nessa construção.

A primeira postagem analisada<sup>9</sup> data de 20 de março de 2020, e a imagem carrega a seguinte frase: “NA FRASE: “Militar é afastado aos 33 anos por insanidade mental” ONDE ESTÁ O SUJEITO?”.

**Figura 1** – a figura do louco imprevisível e irresponsável



Fonte: Instagram (2021)

<sup>9</sup> Optamos por preservar os nomes dos perfis pessoais, a fim de resguardar os sujeitos envolvidos e direcionar o processo analítico às imagens, textos e hashtags complementares.



É possível perceber uma ironia do autor da postagem ao se questionar “onde está o sujeito”, tanto a nível de sintaxe gramatical quanto de existência de um indivíduo e seu lugar no mundo. Na legenda da foto, o autor complementa: “O sujeito deveria estar na clínica psiquiátrica sob interdição”, reforçando a ideia de que pessoas com transtornos mentais devem ser controladas. Ao se referir a Jair Bolsonaro como “militar louco”, o autor da postagem destaca a necessidade de correção dos atos do presidente, o que além de retirar do mesmo as suas responsabilidades e dar a outras pessoas, potencializa a narrativa da incapacidade das pessoas com transtornos mentais.

**Figura 2, 3 e 4** – a figura do louco descontrolado



Fonte: Instagram (2021)

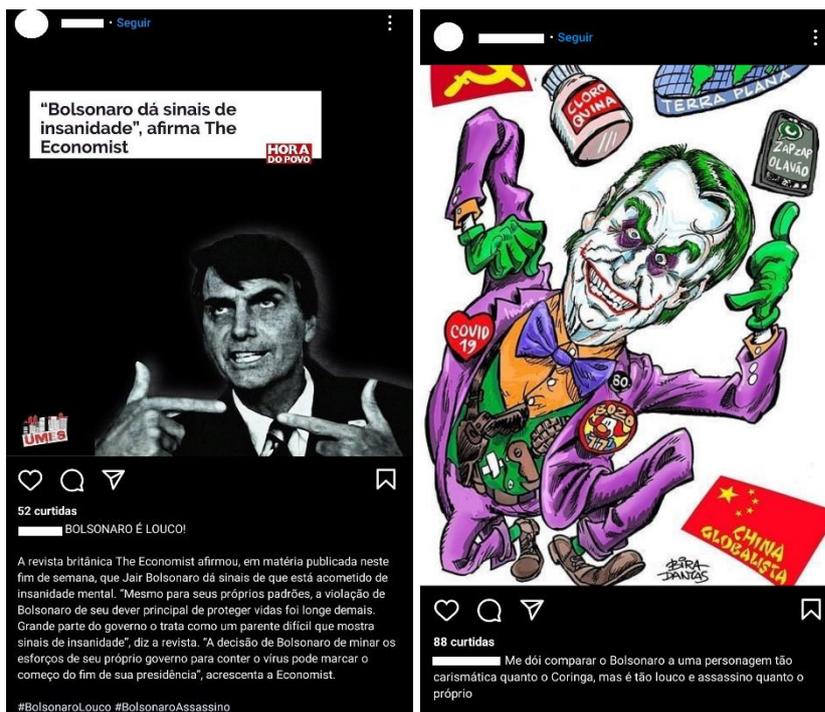
Nas figuras 2, 3 e 4, publicadas, respectivamente, em 21 de março de 2020, 25 de março de 2020 e 8 de dezembro de 2020, é possível identificar uma representação clássica da figura do louco no imaginário social. Essas narrativas reforçam o estereótipo da loucura ao utilizar elementos como a camisa de força, a mordaca<sup>10</sup>, e associações com o descontrole e a fúria. Dentre as hashtags que acompanham as postagens, podemos destacar “#forabolsonaroimbecil”, o que desloca a figura do louco que necessita de controle para um louco que é bobo, de modo a caracterizar uma imprevisibilidade do sujeito.

<sup>10</sup> A mordaca na imagem faz uma alusão a Máscara de Flandres, utilizada nas pessoas negras escravizadas para impedi-las de consumir os alimentos que comiam, ou seja, um instrumento de mutilação humana.



A figura 4, em específico, tem por legenda: “Aconselho uma junta médica, pois já é caso de internação”, ativando no imaginário social a narrativa de que há um limiar na loucura entre loucos que são internados em hospitais psiquiátricos – atualizando, inclusive, o debate sobre um retorno do modelo asilar – e os que não são, os que precisam ser contidos e os que não necessitam de interdição médica.

**Figura 5 e 6** – a figura do louco furioso e cruel



Fonte: Instagram (2021)

A figura 5 refere-se a uma postagem publicada em 10 de abril de 2020, e a imagem de Jair Bolsonaro é editada, em preto e branco, de modo que seu semblante apresente características de fúria e crueldade. Em consonância, suas mãos fazem um símbolo de arma – um signo representacional que personifica a periculosidade. A imagem também apresenta a seguinte construção narrativa: “Bolsonaro dá sinais de insanidade”, afirma The Economist”, e complementa na legenda: “Grande parte do governo o trata como um parente difícil que mostra sinais de insanidade”.

É relevante destacar que durante séculos, famílias que tinham algum parente com transtornos mentais ou que apresentavam comportamentos considerados desviantes para a época, eram isolados em quartos escondidos nas casas, para que as visitas não tivessem contato com o mesmo. Por essa construção narrativa, “parente



difícil” de conviver dialoga com (e atualiza) o imaginário social na direção de acentuar uma necessidade social de isolamento desses sujeitos, como uma estratégia de silenciamento – processo este semelhante a narrativa construída na figura 5, relacionada ao presidente. Ao utilizar esse adjetivo, é possível compreender como as performances de Jair Bolsonaro passam menos pela responsabilização de suas ações do que por uma associação à patologia como uma forma de justificar suas atitudes.

A figura 6, publicada em 23 de maio de 2020, reforça a narrativa do louco furioso e cruel, porém, essa associação acontece de modo a agregar elementos que nos mostram um total descontrole e periculosidade do sujeito: uma arma, uma faca e uma granada, um semblante caricato, com uma postura confusa. Ao associar Jair Bolsonaro com o Coringa, se faz necessário contextualizar o personagem numa dupla chave: na primeira, trata-se de um sujeito isolado e intimidado, desrespeitado pela sociedade, traumatizado e silenciado, que passa a cometer crimes como uma forma de se sentir vivo e potente no mundo; já na segunda, além das mais variadas versões produzidas para a TV e o cinema, o Coringa se atualiza no imaginário social brasileiro, a partir da produção da Warner Bros. Pictures Brasil, que humaniza o personagem e o aproxima do grande público.

E é nessa construção narrativa que outros componentes são traçados na imagem: (1) um vidro de cloroquina, representando a medicação que foi disseminada por Bolsonaro sem comprovação científica de sua eficácia; (2) o símbolo do comunismo, representando as diversas críticas que Jair Bolsonaro fez em uma tentativa de ofender seus opositores; (3) uma imagem da terra plana, associada ao autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, conhecido como guru do governo Bolsonaro, que defende a ideia da terra plana em suas redes sociais<sup>11</sup>; (4) um celular escrito “zap zap Olavão”, fazendo referência às notícias falsas que são compartilhadas pelo governo Bolsonaro; (5) uma bandeira escrita “China Globalista”, narrativa construída pelo ex-chanceler do governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, em uma tentativa de atacar a representação diplomática da China no Brasil<sup>12</sup>; (6) acompanhada de um broche em formato de coração escrito “Covid-19”, representando o cenário pandêmico, e um broche com um palhaço escrito “Bozo”, reforçando a associação entre uma

<sup>11</sup> No Twitter, em 29 de maio de 2019, Olavo de Carvalho afirma que não conseguiu “encontrar nada que refute a planicidade das superfícies aquáticas”. Disponível em: <https://twitter.com/opropriolavo/status/1133838337570217984>. Acesso em: 10 dez 2021.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/ernesto-araujo-critica-globalismo-na-politica-externa-do-brasil>. Acesso em: 10 dez 2021.



loucura que é perigosa e uma loucura que é ridicularizada e que é motivo de piada – aliás, Bozo foi um palhaço cuja a popularidade e circularidade se avolumou no Brasil nos anos 1980 e 1990. Exibido pelo canal de TV SBT, diariamente o personagem comandava um programa de oito horas diárias, cuja audiência foi bastante significativa. Assim, Bozo é uma expressão muito familiar aos brasileiros para designar uma espécie de palhaço trapalhão.

É importante destacar como o cenário de pandemia possibilitou um aumento significativo de desinformação nas redes, muitas delas, com alto índice de circulação e com grande capacidade de viralização por conta do caráter cômico que carrega, possibilitando o surgimento de memes, percebidos como imagens-narrativas e que veiculam imagetivamente e de maneira representacional certos aspectos da realidade.

**Figura 7 e 8** – o louco bobo, livre e irresponsável



Fonte: Instagram (2021)

Nas Figuras 7 e 8 publicadas, respectivamente, em 31 de março de 2020 e 27 de junho de 2021, a figura do louco se desloca das características de fúria e imprevisibilidade e assume o lugar do bobo existente no universo fantástico das fábulas, oriundo de uma imaginação enlouquecida e sendo o único a ter a coragem de “falar a verdade” a quem quer que seja. No Tarot, a carta do Louco refere-se a uma espontaneidade, despreocupação e liberdade da imaginação. A figura distraída do bobo



da corte compõe o seu personagem fugidio, inquieto e irresponsável, por não ter muitas preocupações para além de si mesmo.

Na legenda, a frase: “Bolsonaro é aquele louco que sai pregando aos ventos porque só fazem ecoar sua própria voz”, acompanha as *hashtags* “#bolsonarodoemental”, “assassino” e “sociopata”, o que nos aponta a imprecisão de determinadas características que são associadas a figura do louco e que se tornam parte da construção de um estereótipo – o confuso, imprevisível. Entretanto, e não menos significativo é o processo pelo qual essa associação à figura do louco torna opaca algumas construções narrativas em torno das ações do presidente. O que essa “loucura” parece comprometer são análises sobre as ações e opções políticas imersas nesse pastiche de desvios.

**Figura 9 e 10** – o louco corajoso e destemido



Fonte: Instagram (2021)

As figuras 9 e 10 apresentam um mesmo padrão de construção narrativa ao identificar o louco como aquele que é destemido, que enfrenta o sistema – tal como é citado na figura 10 – e é símbolo de coragem. A figura 9 apresenta a seguinte localização: “Sou louco mas sou feliz”, de modo que a conjunção adversativa utilizada na frase nos indica que a loucura é normalmente associada à infelicidade. Em ambas



as figuras, é possível identificar que a associação entre o ex-presidente Lula como ladrão, corrupto, e a figura do presidente Jair Bolsonaro como corajoso, foi construída de modo que a loucura seja vista como uma qualidade e uma virtude das pessoas sábias.

Evidentemente, tanto em um caso (louco) quanto no outro (ladrão), a construção de estereótipos acaba por obstaculizar parcialmente a possibilidade de uma análise política das ações tanto de Jair Bolsonaro quanto de Lula, contudo, se faz necessário destacar brevemente como o discurso sobre loucura, construído nas narrativas acima, aponta para um lugar de admiração. Para Moura e Corbellini (2019, p. 45), “a eleição de Bolsonaro em 2018 foi a vitória do discurso de ruptura com o sistema político movido por um sentimento de raiva”, o que desencadeou uma polarização dos ideais políticos, entre bolsonaristas e petistas. Esse ambiente extremista abriu margem para que a admiração a um representasse, obrigatoriamente, a crítica ao outro.

A partir da construção de narrativas de patologização de Jair Bolsonaro, foi possível observar, em paralelo e com um pouco menos de frequência, um processo de despatologização, ou seja, uma desassociação da figura do louco ao presidente da República. Esse processo se dá em contextos históricos diferentes, porém, se sustentam em problematizar essa associação comportamental à patologia – é o que nos mostra a Figura 11.

**Figura 11** – A desassociação de uma loucura ingênua



Fonte: Instagram (2021)



Publicada em 3 de junho de 2020, a postagem defende que as ações de Jair Bolsonaro fazem parte de um projeto de destruição do Brasil, que suas atitudes não correspondem à loucura, mas sim ao fascismo. Na legenda da foto, a frase “Ele não é louco! Ele não é débil!”, nos indica que a figura do louco, que foi construída associada à ingenuidade, ao bobo, em conexão com um processo de construção social e cultural como o “louco débil mental”, não pode ser atrelada às ações de Bolsonaro. Nesse movimento, tal como temos apontado em algumas passagens do presente artigo, desloca-se o presidente do lugar do louco para o de dirigente político cujas ações são identificadas e associadas a uma agenda com compromissos políticos, econômicos, sociais e culturais. Essa narrativa mostra que suas atitudes não são ingênuas, que partem de um lugar pensado e planejado estrategicamente, contudo, patologizar o fascismo pode ser considerado uma forma de despolitização do real problema. Do mesmo modo, a figura 12 reforça essa desassociação entre loucura e perversidade.

**Figura 12** – A desassociação de uma loucura cruel



Fonte: Instagram (2021)

Enquanto nas figuras 5 e 6 foram construídas narrativas que associavam Jair Bolsonaro à crueldade, na figura 12 esse processo de desassociação do perverso ocorre, inversamente, de modo a responsabilizar suas atitudes. No fundo, a imagem do presidente com chifres e um tridente, fazem alusão a um demônio, nos apontando que,



dentro desse contexto narrativo, suas ações partem do lugar do maligno, da hostilidade, e não da loucura como insano e cruel. Se majoritariamente encontramos as narrativas que associavam suas ações à loucura ocupando certo protagonismo, o que se observa com as mensagens contidas nessa última figura é a alusão a um novo tipo de estereótipo, atravessado pelo discurso religioso.

Por fim, a figura 13 questiona as noções de razoabilidade associadas às ações de Jair Bolsonaro. A dúvida “Ele está louco?” nos chama atenção ao nos apresentar uma narrativa que reflete sobre o que justificaria as suas atitudes, seja a nível de loucura ou de “mal caratismo”, do lugar do mal, como é citado na postagem. Com essa perspectiva, misturam-se dois estereótipos igualmente poderosos e que têm lugar no imaginário social: o do louco (em oposição ao do são) e o do sujeito mau (em oposição àquele “comprometido” com o bem). Em ambos os casos, o que se produz é uma opacidade sobre as ações do presidente da República.

**Figura 13** – A desassociação de uma loucura



Fonte: Instagram (2021)

A postagem acompanha a seguinte frase: “É preciso tomar um certo cuidado e não atribuir doença mental a quem seja apenas mal caráter”, desse modo, a narrativa construída nos apresenta uma tentativa de compreensão do sujeito e nos coloca uma



atenção sobre essa reprodução de discurso que patologiza Jair Bolsonaro e que acaba por justificar suas atitudes.

Na legenda, a frase “Louco ou canalha, uma coisa é certa, ele precisa ser impedido” nos aponta uma reflexão de extrema importância: Quem tem o poder de dizer se alguém é ou não louco? Quem tem o poder de dizer quais os limites entre a canalhice e a loucura? A loucura justificaria as ações de Jair Bolsonaro? Não nos cabe investigar se o presidente Jair Bolsonaro tem de fato algum transtorno mental, mas nos cabe identificar as narrativas que associam seu comportamento às psicopatologias como forma de justificar suas ações.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho nos possibilita, para além de uma constante associação do presidente Jair Bolsonaro com a loucura, perceber as construções narrativas que norteiam essas associações, cujo diálogo e horizonte se estabelecem na longa duração. O processo de patologização da loucura carrega em si o reforço do estigma em relação a uma cristalização, estereotipada, da pessoa com transtorno mental. Nesse caso, opera-se com uma caricatura. Com tais narrativas, “ser louco” se torna tanto uma ofensa, quando parte da crítica a Jair Bolsonaro, quanto uma exaltação de virtude, para aqueles que são apoiadores do presidente. Assim procedido, com essa oposição binária, o que efetiva é uma atualização simultânea da superficialização do conceito de loucura bem como da desresponsabilização das ações políticas do chefe do Poder Executivo.

A denominação “louco” em relação a Jair Bolsonaro é construída narrativamente visando criticar de uma maneira geral suas ações políticas, contudo, se utilizam de um termo inadequado para justificar o comportamento do presidente a partir de uma suposta psicopatologia, reforçando assim, o estigma em relação à pessoa com transtorno mental. É importante destacar que a utilização de palavras como “doente mental”, “débil mental”, “louco”, “doido”, já reforçam por si só o estigma em relação à pessoa com transtorno mental e, sendo associada a comportamentos desviantes e discordantes, acaba por desqualificar os que realmente sofrem com essas questões.

O debate sobre patologização/despatologização, assim como a estereotipia em torno da loucura, pode esconder como as ideologias dominantes são capazes de regular e influenciar os modos de se ver e conviver em sociedade, como também é capaz de



---

encobrir, com um manto da razão, uma sociedade que patologiza comportamentos como uma tentativa de justificar ações e que, por sua vez, podem ser percebidas como uma tentativa de controle dos corpos. No processo aqui descrito, o “sintoma da loucura” surge como a única imagem que fundamente o comportamento de Jair Bolsonaro, seja como forma de criticá-lo ou admirá-lo.

É importante destacar que todo diagnóstico é político. Os diagnósticos fazem parte de convenções situadas em determinados contextos históricos, sociais e políticos, de modo que tanto os diagnósticos são influenciados pela dimensão política da vida, como existe um uso político dos diagnósticos. Contudo, este último não se dá da mesma maneira para todas as pessoas, afinal, existem recortes de raça, gênero, classe social que podem intensificar e reforçar o sistema de opressão dos diagnósticos.

Se pensarmos na autoridade do sujeito que ocupa um cargo político e associarmos a questões de gênero, por exemplo, podemos destacar o ataque<sup>13</sup> à senadora Simone Tebet (MDB-MS) durante a CPI da Covid, ao ser chamada de “descontrolada” pelo Ministro da Controladoria-Geral da União (CGU), Wagner Rosário, após ter criticado a atitude do ministro em relação ao presidente Bolsonaro. Em uma breve análise, é possível perceber que, enquanto para o “homem louco” há a lógica da desresponsabilização e da isenção de seus atos, para a “mulher louca”, cabe somente a responsabilização e o julgamento – tema este que segue no fluxo de nossas pesquisas e que aparecerá em trabalhos futuros.

Por outro lado, quando se trata de certos grupos e classes dominantes ou socialmente privilegiados, o uso político dos diagnósticos assume o papel de desresponsabilização do sujeito, de modo que tal indivíduo não é responsável pelos seus atos ou até mesmo crimes, sendo a culpa, no fim do diagnóstico, suprimida. Por que para alguns o diagnóstico atua como uma estrutura de opressão, sinônimo de condenação e estigma, enquanto para outros se torna um instrumento de desresponsabilização de seus atos? Não se trata de sublinharmos se há ou não alguma patologia imersa nas ações do atual presidente. Antes, identificar de que modos as narrativas construídas nas opções políticas de Jair Bolsonaro dialogam com o imaginário social ao associar patologia e ações consideradas deslocadas da realidade.

---

<sup>13</sup> O caso ocorreu em 21 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=liVaKQMycW4>. Acesso em: 6 jan 2022.



## Referências

AUSTIN, John. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. **Comunicação & Educação**, p. 7-14, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i13p7-14>. Acesso em: 7 dez 2021.

BACZKO. B. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BORGES, Wilson Couto. A Narratologia deve estar atenta à cultura. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Orgs.) **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014.

BRASIL. Presidente (2019-2022): Jair Messias Bolsonaro. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasília, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>. Acesso em: 10 nov 2021.

\_\_\_\_\_. Presidente (2019-2022): Jair Messias Bolsonaro. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. Brasília, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-4>. Acesso em: 10 nov 2021.

DATA, Our WORLD IN. **Coronavírus Pandemic**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/coronavirus>. Acesso em: 12 nov 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FRANKLIN, Camila F. **A construção da figura do louco no Piauí no Jornal O Dia: um panorama de 1970 a 2019**. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFPI, Teresina, 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa: Teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In: **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. / Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Quatrin Piccinin – Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017.

\_\_\_\_\_. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Narratologia: análise da narrativa jornalística**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro, Record, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Gaia Ciência**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.



---

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RICOEUR, Paul. **Ética e moral**. Tradução de Antonio C. Amaral. Covilhã: LusoSofia, 2011. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/ricoeur\\_paul\\_etica\\_e\\_moral\\_rpf1990.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/ricoeur_paul_etica_e_moral_rpf1990.pdf). Acesso em: 5 dez 2021.

\_\_\_\_\_. **Interpretação e Ideologias**. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa** (tomo I). Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.

STATISTA. Social media - **Statistics & Facts**, 2020. Disponível em: <https://www.statista.com/topics/1882/instagram/>. Acesso em: 14 abr 2022.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.